

Cortina de Fumaça e a Produção de Mitos Coloniais ¹

Autor: Marcos Corrêa de Britto²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

No Brasil, a guerra cultural bolsonarista conta com o apoio de produções como as da Brasil Paralelo para moldar o imaginário de extrema direita nacional de acordo com os interesses do governo. O documentário “Cortina de Fumaça” tem a finalidade de produzir mitos coloniais endereçados a um público conservador de direita a fim de conquistar seu apoio para as políticas exploratórias e etnocêntricas de Bolsonaro. Essas narrativas apelam para a comoção da audiência ao distorcer a realidade e alterar o contexto dos fatos, cumprindo um papel importante ao corroborar com ataques a alvos políticos do governo federal como os povos indígenas, as ONGs ambientais, a Academia e governos internacionais. O alto volume da audiência desses conteúdos comprova a relevância dessas narrativas na construção do imaginário da nova direita brasileira.

Palavras-chave

Brasil Paralelo; Guerra Cultural; Colonialidade; Bolsonarismo; Comunicação.

Introdução

A conflituosa relação entre o agronegócio e os povos indígenas e originários do Brasil ganhou um novo capítulo com a estreia de “Cortina de Fumaça”, documentário produzido pela Brasil Paralelo, uma produtora de cursos, séries e filmes documentais fundada no contexto do impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e que propõe uma “solução paralela” para a cultura e educação no Brasil. Embora seus sócios rejeitem que sejam alinhados ao governo federal, a

¹ Trabalho apresentado para o GP Políticas e Estratégias da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do PPGCOM UERJ em Comunicação, na linha de Tecnologias de Comunicação e Cultura, graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda e MBA em Estratégias e Ciências do Consumo. Atua também como especialista em conteúdo na TV Globo. Email: marcoscorreab@gmail.com.

empresa é reconhecida por atuar como uma fábrica do imaginário neoconservador brasileiro ao produzir conteúdos revisionistas que sustentam o pensamento neoliberal e colonizador marcante no bolsonarismo. Inclusive, a página da FUNAI no site do governo federal faz propaganda do filme e o recomenda como um documentário que destaca a “importância do desenvolvimento sustentável para a autonomia indígena”³. Nas redes sociais, ministros, servidores e parlamentares governistas também divulgaram o lançamento dos documentários. Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), que já participou de outros filmes da produtora, publicou no twitter: “Para descobrir como a mídia usa o setor ambiental e o ministro Ricardo Salles para atacar Jair Bolsonaro, veja ‘Cortina de Fumaça’, o novo documentário da Brasil Paralelo”⁴.

Este artigo tem como foco a análise do vídeo “Cortina de Fumaça”, a partir da noção de Discurso de Foucault e das contribuições da Semiótica, no intuito de identificar as mensagens emitidas pelo documentário que buscam colaborar, como propaganda política disfarçada, com as ações do agronegócio contra os povos indígenas. O texto pretende identificar e tornar clara a estratégia de comunicação política da Brasil Paralelo com o lançamento de “Cortina de Fumaça”, que consiste em acusar o outro daquilo que o documentário está fazendo: criando uma cortina de fumaça para esconder os danos do agronegócio sobre os direitos indígenas.

A partir do título entendemos que a cortina de fumaça sugerida pelo documentário disponível gratuitamente no Youtube se refere a uma estratégia para encobrir uma verdade, impedindo-a de ser revelada ao chamar atenção para um outro fato. Mas ao analisar os aspectos narrativos da produção a questão colocada é: qual cortina de fumaça a Brasil Paralelo levanta com o filme e por quê? Este artigo se propõe a refletir sobre as estratégias e/ou recursos em comunicação que a Brasil Paralelo vem utilizando para manipular sua audiência em relação aos ataques do agronegócio aos direitos indígenas no Brasil.

A Cortina de Fumaça da Brasil Paralelo

³ Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/documentario-destaca-importancia-do-desenvolvimento-sustentavel-para-a-autonomia-indigena> Acessado em 26/07/2021

⁴ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611632-a-boiada-invade-a-tela> Acessado em 02/08/2021

Em uma entrevista para o site Boletim da Liberdade⁵, Lucas Ferrugem, um dos sócios da produtora, afirmou que o filme tem o objetivo de passar a mensagem de que “o meio ambiente brasileiro não está em risco e o país pode ser peça fundamental na paz do mundo ao ser uma potência que garante a produção de alimentos”. No entanto, a narrativa construída pelo documentário conduz a audiência, por meio de falas negacionistas, etnocêntricas e acusações infundadas, a uma lógica de pensamento colonial e pró-agronegócio disfarçado de desenvolvimentista.

Ao contrário de produções anteriores da Brasil Paralelo, em que se sucediam depoimentos exclusivamente de figuras da direita nacional, em sua maioria olavistas e/ou bolsonaristas, dessa vez houve uma preocupação maior com a variedade de fontes para sugerir uma imparcialidade ao filme. Mas apesar da suposta “diversidade”, todos os entrevistados mantêm uma visão parecida sobre as benesses do agronegócio e concordam que há um exagero na preocupação ambiental, o que evidencia o viés e o objetivo do conteúdo. São ex-autoridades como Alysson Paulinelli (ex-ministro governo Ernesto Geisel), Xico Graziano (ex-ministro do governo Fernando Henrique Cardoso), Roberto Rodrigues (ex-ministro do governo Lula) e Aldo Rebelo (ex-ministro dos governos Lula e Dilma Rousseff) que, apesar de terem pertencido a governos distintos, são ligadas ao agronegócio. Eles assumem um discurso que tenta convencer a audiência de que para haver desenvolvimento é preciso transformar a cultura indígena e permitir que a ordem do mercado se instale. O método colonizador e exploratório das práticas neoliberais defendidas pelo filme como um todo é bem sintetizado pela famosa frase de Margareth Thatcher, “A economia é o método, o objetivo é mudar a alma”⁶.

Outro ponto importante a ser observado é em que medida o documentário supostamente dá voz aos povos indígenas, quando na verdade o filme entrevista exclusivamente indígenas que possuem algum tipo de parceria com o agronegócio. A escolha pelos paresis, por exemplo, se mostra estratégica já que essa etnia, diferente da maioria das comunidades indígenas, possui uma relação próxima com o governo Bolsonaro e a bancada ruralista no Congresso. Por terem

⁵ Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2021/06/13/o-meio-ambiente-brasileiro-nao-esta-em-risco-defende-brasil-paralelo-em-novo-filme/> Acessado em 19/07/2022

⁶ Margareth Thatcher disse essa frase em entrevista ao jornalista Ronald Butt, do *Sunday Times*, em 03 de maio de 1981. Disponível em: <https://www.margareththatcher.org/document/104475> Acessado em 10/08/2022

criado uma cooperativa para cultivo de soja com apoio de ruralistas no Mato Grosso, a Copihanama, os paresis têm sido apresentados pelo governo federal como exemplo de um novo modelo para a questão indígena.

Edward Luz, conhecido como “antropólogo dos ruralistas”, é um dos entrevistados pelo filme favorável a uma colonização cultural e econômica em relação aos povos indígenas contemporâneos. Ele usa os índios paresis como exemplo para resumir sua ideia de que a verdadeira independência dos grupos indígenas só acontece quando essas comunidades adotam alguma atividade econômica para “se libertar das garras das organizações não governamentais”⁷.

Não se pode ignorar os erros e omissões sensíveis da produção ao abordar de formas simplistas e unilaterais temas complexos como os direitos dos povos originários. Por exemplo, muitas instituições indígenas questionam o modelo de produção adotado pelos paresis. Organizações como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), o Conselho Indígena Missionário (Cimi), a Associação Terra Indígena do Xingu (Atix) e o Instituto Raoni divulgaram notas de repúdio à associação dos paresis com representantes políticos ligados ao agronegócio, se posicionando contra as propostas que autorizariam a exploração agropecuária e minerária em territórios indígenas.

O secretário-adjunto do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), Gilberto Vieira, disse à Folha de S. Paulo em 2019 que apesar da autonomia dos povos indígenas ter de ser respeitada quanto à exploração econômica de suas terras, é preciso seguir a lei que diz que as atividades precisam ser feitas de acordo com os usos e costumes tradicionais do povo e a produção de soja, assim como o uso de agrotóxicos, não se encaixaria nesses requisitos. Ele afirma que “os paresis estão cercados por soja e aderiram a uma lógica de mercado. Isso pode gerar ganhos imediatos, mas futuramente trazer problemas ambientais e prejudicar os próprios índios”⁸.

“Cortina de Fumaça” aplica em relação aos paresis uma lógica liberal da representação que Donna Haraway (2016) chama de ventriloquismo. No documentário os índios são retirados de uma entidade coletiva (povos originários) e restabelecidos em outra (agricultores), onde são

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTIsV2lmBw&t=1242s> em 1h09'34''. Acessado em 23/07/2021

⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/05/indios-pro-bolsonaro-querem-ampliar-lavoura-de-soja-e-desafiam-fiscalizacao.shtml> Acessado em 25/04/2022

reconstituídos como objetos de uma espécie especial (produtivos e mais desenvolvidos que os outros), como base de uma prática representacional que autoriza para sempre o ventríloquo, aqui atuando pelos interesses do agronegócio e conseqüentemente do governo Bolsonaro. Segundo Haraway, nesses casos o representado é reduzido à condição de destinatário permanente da ação, sem jamais poder ser co-ator em uma prática articulada com outros parceiros sociais distintos, mas vinculados.

Além disso, a opção do filme em ouvir uma única etnia aliada ao agronegócio sobre a pauta da exploração de terras indígenas e o silenciamento de outras tribos permite que a fala colonial branca se consolide como verdade sem a interferência de discursos contrários. (MOMBAÇA, 2015)

Ao analisar a narrativa do documentário é possível observar um exemplo da construção de um discurso mítico com a presença dos depoimentos dos índios paresis, com objetivos e visões pró-agronegócio, para validar o discurso exploratório e fabricar um sentido social deformado, transmitindo uma mensagem harmônica para uma relação que na verdade se torna cada vez mais conflituosa e violenta entre indígenas e ruralistas. Para a antropóloga Luísa Molina⁹, os ruralistas e defensores desse tipo de ideia se utilizam do “desconhecimento” da população em geral para vender essa ideia de que eles estão fazendo algo que os indígenas querem. Molina alerta que “o genocídio vem sempre acompanhado de uma retórica bondosa, humanista”.

O mito como discurso mobilizador foi analisado em sua dimensão política por Georges Sorel, um dos responsáveis por entender a dimensão irracional das disputas sociais. Para ele, a força do mito não finca suas raízes no sistema racional, mas nas emoções que desperta. As produções da *Brasil Paralelo* se utilizam dessa irracionalidade como motor para uma ação política. Por isso, considerar a *Brasil Paralelo* como produtora de mitos evidencia não apenas os mecanismos de sua atuação, mas também a função que ela cumpre no arco maior de forças que são reunidas em favor do que autores como João César de Castro Rocha (2020) chamam de guerra cultural bolsonarista. Castro Rocha destaca que a guerra cultural bolsonarista apela para o afeto, mais

⁹ Disponível em: <https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/> Acessado em 30/06/2022

do que para a razão, como ela lança mão dos medos das pessoas, é muito hábil em gerar narrativas polarizadoras que produzem ódio e inventam inimigos¹⁰.

Ao apelar para a comoção da audiência as produções da Brasil Paralelo cumprem um papel importante ao definir alvos a serem atacados pelo seu público – em “Cortina de Fumaça” são os índios, as ONGs ambientais, a Academia/antropologia e governos internacionais – e contribuem para influenciar a opinião pública a favor dos objetivos políticos do bolsonarismo, como por exemplo, a exploração de terras indígenas pelo agronegócio. A estreia de “Cortina de Fumaça”, em junho de 2021, em meio as tentativas da base governista de aprovar o Projeto de Lei 490/ 2007, que altera a legislação da demarcação de terras indígenas, torna ainda mais evidente o alinhamento da curadoria da Brasil Paralelo com os interesses do governo Bolsonaro.

Na Guerra Cultural bolsonarista os povos indígenas são inimigos

Em diferentes países do mundo as guerras culturais se tornaram uma das principais ferramentas utilizadas para transformar o cenário social e político. Para James Hunter (1991), as guerras culturais se caracterizam pelo conflito de visões morais do mundo, que acontece na esfera pública e são protagonizados por elites culturais que tem acessos privilegiados nos instrumentos de influência e poder e que são portadores de valores morais fortes que, por esse motivo, geram antagonismo e hostilidade. Dessa forma, temas relacionados a raça, religião, sexualidade, gênero, educação, cultura e política são abordados com premissas moralistas e em favor de um pensamento nacionalista, conservador e neoliberal que ganha terreno na corrente de pensamento dominante, impulsionados pelo sucesso eleitoral de candidatos de extrema direita que se utilizam dessas pautas, muitas vezes radicalizando o discurso, para atrair a atenção dos eleitores.

As tentativas do filme em deslegitimar os direitos dos povos indígenas e desumaniza-los possuem paralelos com o discurso que a extrema direita internacional aplica em relação aos imigrantes. Isabela Kalil (2018) diz que existe uma equivalência entre a estrutura narrativa do discurso de ódio contra imigrantes da Alt Right americana e europeia com a perseguição aos indígenas. Como se os índios no Brasil ocupassem espaços que impedem o país de produzir no

¹⁰ Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/bolsonaro-so-tem-duas-opcoes-ditadura-ou-papuda-diz-joao-cezar-de-castro-rocha> Acessado em 30/04/2022

local e se desenvolver. Internacionalmente o imigrante é o inimigo, no Brasil a população indígena é a inimiga.

É de conhecimento mundial que o meio ambiente e conseqüentemente os povos originários que habitam as florestas brasileiras sofrem ataques frequentes do governo Bolsonaro. Em 2019, durante um discurso na Assembleia Geral da ONU, o presidente Bolsonaro afirmou que "algumas pessoas, de dentro e de fora do Brasil, apoiadas em ONGs, teimam em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas". Em outras ocasiões, disse que os indígenas são "pobres coitados" e que "nosso projeto para o índio é fazê-lo igual a nós"¹¹. Líderes indígenas dizem que, ao tratar de suas culturas, Bolsonaro expõe visões racistas e etnocêntricas, reforçando uma crença de que uma cultura é superior às demais¹².

E são essas visões racistas e etnocêntricas criticadas pelos líderes indígenas que compõem o fio condutor de “Cortina de Fumaça”. A estrutura narrativa do documentário se divide em quatro eixos: 1) acusações às ONGs, a mídia e a governos internacionais de fazerem sensacionalismo midiático e alarmismo para manipular a sociedade em torno do tema da crise climática; 2) negacionismo em relação as queimadas e desmatamento na Amazônia; 3) apoio incondicional ao agronegócio como ferramenta para desenvolvimento do país e também como solução para tribos indígenas se tornarem “independentes”; 4) acusação à academia de, por meio da antropologia, manipular as populações indígenas impedindo o desenvolvimento das tribos, consideradas primitivas e acusadas de “práticas culturais nocivas”, como o infanticídio indígena.

Logo em sua primeira cena, “Cortina de Fumaça” apela para o sensacionalismo ao se utilizar de uma situação polêmica com o intuito de chocar e revoltar a audiência exibindo imagens de bombeiros desenterrando uma criança indígena ainda viva, com sonoras que ajudam a descrever o sentimento de espanto de quem estava no local. Em seguida, Damares Alves, ministra da

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml> Acessado em 26/06/2022

¹² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ofensivo-racista-e-paranoico-a-visao-de-lideres-indigenas-sobre-discurso-de-bolsonaro-na-onu/> Acessado em 26/06/2022

Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro, declara que “essas crianças são sacrificadas. Então a palavra não é infanticídio, é assassinato de crianças.”¹³

A discussão sobre o infanticídio indígena é complexa, opondo em certa medida costumes tradicionais milenares e a defesa dos Direitos Humanos. Nas últimas décadas uma série de atores políticos como a bancada evangélica e a academia entraram no debate, especialmente depois que um grupo de deputados e senadores propôs, em 2015, a criação de uma lei para “criminalizar o infanticídio indígena”. Esse é mais um tópico que o filme aborda de forma unilateral e acusatória, inserido de forma descontextualizada e com a função de associar as imagens que remetam a crueldade e desumanidade aos povos indígenas.

O roteiro em off conduz a narrativa do documentário de forma excessivamente didática, limitando as possibilidades para problematizações ou de uma leitura mais ampla dos complexos temas abordados, conduzindo o espectador para uma interpretação única, etnocêntrica e colonizadora dos pontos levantados pelo filme. Por exemplo, ao defender a ideia de Gilberto Freyre sobre a miscigenação como uma marca positiva da sociedade brasileira, o roteiro afirma que o país era ‘um exemplo da integração harmoniosa das raças, um modelo de convivência pacífica em um mundo marcado por guerras’. De acordo com o filme, o “problema” começou quando a antropologia de Gilberto Freyre foi deixada para trás na academia brasileira, dando espaço para um novo pensamento encabeçado por Florestan Fernandes. Esse pensamento teria estimulado a luta de classes com base étnica onde a antropologia deixa de ser um instrumento de conhecimento para ser um instrumento de poder, onde o objetivo é a conquista de território. A narração em off afirma que:

o paradigma sociológico de Florestan Fernandes ao colocar as raças em pé de guerra umas com as outras quer transformar toda vida social em um grande estado de natureza, condenando indivíduos a uma existência precária como peças de um macabro zoológico humano.¹⁴

Para autores como Laurentino Gomes o mito da suposta democracia racial é uma fantasia desmentida pelos fatos cotidianos. Gomes acredita que por ser incapaz de enfrentar o legado da

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw&t=1242s> aos 6’ de vídeo. Acessado em 23/07/22

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw&t=1242s> em 1h15’06” . Acessado em 23/06/2022

escravidão, o Brasil procurou disfarçá-lo construindo mitos a respeito de seu povo e de sua história¹⁵. Além disso, esse mito da democracia racial já havia sido derrubado pela próprio Florestan Fernandes (2015) e por Fernando Henrique Cardoso (1978).

No entanto, são mitos como o criado por Freyre que o documentário busca reforçar ao dar voz a figuras como a advogada Samanta Pineda, ligada a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) no Congresso, popularmente conhecida como bancada ruralista. Pineda critica a antropologia por se pautar na tese do indigenato, que consiste no fato de que os povos indígenas têm direito aos seus territórios tradicionalmente ocupados, conforme expresso no artigo 231 da Constituição brasileira, não podendo haver nenhuma limitação a este direito, devendo o poder público federal demarcar e proteger todas as terras. Essa tese remonta ao período colonial, onde as leis que foram editadas respeitaram a posse dos povos originários como senhores naturais de suas terras. Em sua fala, Pineda critica essa proteção aos territórios indígenas e alerta que essa ideia pode nos levar ao “*risco de interpretar que todo o território nacional poderia ser considerado como terra indígena*”. O pensamento de Pineda é mais uma amostra do viés colonizador que predomina no documentário, assim como outras passagens onde o roteiro em off afirma que “A demarcação de terras indígenas é a estatização da propriedade privada” e “Onde há reservas indígenas, o progresso não passa”, enquanto são apresentados em termos de imagens, indígenas e seus costumes culturais dialogando com os índios representados nas gravuras e na pintura colonial. Dessa forma, o filme sugere que as populações indígenas vivem de forma precária e por isso precisam ser “salvas” pelo desenvolvimento econômico¹⁶.

Bolsonaro compartilha da mesma preocupação de Pineda e por isso transferiu a Fundação Nacional do Índio (Funai) do Ministério da Justiça para o Ministério da Agricultura e retirou do órgão a atribuição de demarcar terras indígenas. E é exatamente a tentativa de associar o agronegócio como ferramenta para o desenvolvimento de terras indígenas em detrimento das leis ambientais que as protegem um dos principais objetivos do filme. Há um consenso entre as personalidades entrevistadas no documentário de que as tribos indígenas precisam conquistar

¹⁵ Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/entrevistas/laurentino-gomes-o-brasil-nao-enfrentou-nem-resolveu-o-legado-da-escravidao/?utm_campaign=novo_layout_newsletter_-_21072021&utm_medium=email&utm_source=RD+Station Acessado em 25/06/2022

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2ImBw&t=1242s> a partir de 57’30” e 59’35”. Acessado em 25/07/2022

uma independência econômica dentro do modelo capitalista e a solução para isso seria a exploração de suas terras pelo agronegócio.

Bolsonaro também costuma dizer que os indígenas devem ser "integrados" à sociedade nacional¹⁷. Não por coincidência é o mesmo discurso adotado pelo governo durante a ditadura militar como é possível observar na declaração do ministro do interior Rangel Reis em 1976:

Vamos procurar cumprir as metas fixadas pelo presidente Geisel, para que, através de um trabalho concentrado entre vários ministérios, daqui a 10 anos possamos reduzir para 20 mil os 220 mil índios existentes no Brasil e, daqui a 30 anos, todos eles estarem devidamente integrados na sociedade nacional¹⁸.

Esse desejo de integração transmitido em “Cortina de Fumaça”, essa perspectiva de atribuição de características produtivas, ainda que sejam expostas sob o suposto viés da igualdade, claramente visam ao avanço sobre os direitos territoriais. A partir do momento em que os indígenas estiverem “aculturados” e não forem mais “considerados” índios, não terão mais os direitos plenos aos territórios que atualmente ocupam. (BRIGHENTI, 2015)

Para compreender como essas falas contribuem para a violência contra os povos indígenas no Brasil contemporâneo é necessário partir de uma análise sistêmica e de longa duração, considerando que ela tem sua origem no processo de colonização e que incide fundamentalmente sobre a territorialidade dos povos, seja nas disputas por terra, seja no impedimento de manifestarem-se livremente a partir de seus pressupostos culturais. Uma das chaves para compreender essa questão é pensar a violência a partir da *Colonialidade do Poder*, conceito proposto pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2009), ao entender que mesmo com as independências das colônias o poder colonial se manteve. A violência se configura através do “epistemicídio”, pela tentativa de eliminação das práticas e saberes indígenas. Na contemporaneidade, a violência é fundamentalmente institucional, seja na ação do Estado brasileiro reduzindo direitos como a não demarcação dos territórios e a implantação de obras desenvolvimentistas que afetam esses povos, seja na omissão, permitindo assassinatos e invasão

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml> Acessado em 15/07/2022

¹⁸ Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/07/os-brancos-que-nao-se-opoem-a-bolsonaro-e-ao-sistema-colonizador-sao-cumplices-do-genocidio/> Acessado em 24/06/22

das terras indígenas, que por sinal são fatos relevantes para o contexto desses temas que foram completamente ignorados pelo documentário.

Esse conceito de colonialidade do poder nos ajuda a compreender como o projeto de colonização/dominação, iniciado no século XVI pelos países europeus se perpetua até os dias atuais, tendo como principal executor e mantenedor dessa colonialidade o poder estatal. Quijano (2009) faz uma distinção entre colonialismo e colonialidade. O colonialismo refere-se à situação de dominação política, econômica e territorial de uma determinada nação sobre outra de diferente território, a exemplo da colonização do Brasil por Portugal. Enquanto isso, a colonialidade do poder se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo “como pedra angular daquele padrão de poder, e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e da escala social.” (QUIJANO, 2009, p. 73 *apud* BRIGHENTI, 2015)

Essa colonialidade que se manifesta de diversas maneiras, e que opera a partir de estratégias de dominação epistêmica é a base argumentativa de “Cortina de Fumaça”. Afinal, a imposição do conhecimento ocidental como única verdade e a negação e destruição dos saberes dos povos originários se constituiu em um dos mais poderosos mecanismos de dominação. Não permitir o controle total de suas terras, como o filme propõe, é uma das formas de impedir que as práticas de vida tradicional dos povos originários possam continuar, eliminando assim todas as formas de saberes e conhecimentos diferentes dos da sociedade ocidental.

Um dos objetivos percebidos pelo documentário é de criar, em detrimento a preservação dos direitos dos povos originários, um nível de tolerância em torno das dinâmicas exploratórias do agronegócio, baseadas no medo (os índios vão ocupar toda a nossa terra), ódio (as ONGs e governos internacionais nos enganam para explorar nossas riquezas) e revolta (a cultura indígena é primitiva e mata crianças). Não há no filme menção aos temas mais criticados da agenda ambiental atual, como o desmonte do Ibama ou sobre o aumento do número de assassinatos de lideranças indígenas em conflitos no campo¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/10/mortes-de-liderancas-indigenas-batem-recorde-em-2019-diz-pastoral-da-terra.ghtml>, Acessado em 29/06/2022

Em compensação, há farta referência às ONGs ambientalistas como vilãs, apresentadas como grandes corporações que se preocupam apenas com seus esquemas de financiamento internacional ou em abocanhar parte do orçamento brasileiro.

Aldo Rebello é um dos entrevistados que questiona a idoneidade das ONGs e acredita que muitas querem transformar o meio ambiente em uma fonte de arrecadação de fundos e que esses grupos “vendem ao mundo uma ameaça sobre a Amazônia como se fossem vender a proteção”. O ex ministro que teve o nome utilizado na estratégia de divulgação do filme para evocar uma certa imparcialidade mostra que, na verdade, tem uma visão conspiratória muito similar a de Bolsonaro e a atual extrema direita ao afirmar que:

alguns grupos estão utilizando índios para dividir o Brasil e não integrar, como se houvesse um país do Brasil e dos brasileiros e outro país antagônico que seriam dos índios manipulado por interesses que não são os interesses do Brasil²⁰.

Percebe-se uma inversão de valores da parte do filme ao criminalizar a atuação de grupos que lutam em favor da proteção ambiental e também ao entender que os colonizadores, hoje representados por empresários e ruralistas, são os donos das terras do Brasil, além de tentar responsabilizar os índios e sua cultura pelo atraso do país.

Além disso, o filme também assume uma posição negacionista em relação aos recortes de desmatamento na Amazônia com depoimentos questionáveis como o do jornalista e comentarista de direita Augusto Nunes que acusa a imprensa de alarmismo em relação ao tema e chega a se colocar como testemunha ocular de sua própria tese negacionista por ter sobrevoado a Amazônia e visto com os “próprios olhos” que não existe uma floresta sendo destruída, “existe uma floresta sendo preservada”²¹. Outros entrevistados como Roberto Rodrigues, ex ministro da agricultura, afirmam que 66% das florestas brasileira estão preservadas como eram no “tempo de Adão e Eva”.

Essa linha lúdica defendida pelo filme de que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente se afasta da racionalidade para se conectar de forma emocional com a audiência. Esse discurso se baseia em números do agrônomo Evaristo Eduardo de Miranda, chefe da Embrapa Territorial, uma das unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa),

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw&t=1242s> em 1h25'50". Acessado em: 28/06/2022

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw&t=1242s> em 1h29'17". Acessado em 23/06/2022

estatal vinculada ao Ministério da Agricultura. Mas os argumentos de Miranda são contestados por cientistas, ambientalistas e enfrentam críticas também dentro da Embrapa. Um artigo publicado por autores brasileiros ano passado na revista *Environmental Conservation*, da universidade de Cambridge no Reino Unido, com o título "Os dados confirmam que Brasil lidera o mundo em preservação ambiental?", chama os números de Miranda de "estatísticas criativas" e "influenciadas por uma narrativa ideológica que distorce a realidade ambiental brasileira"²².

No filme essa narrativa ideológica ganha fôlego com a utilização do documento *Farms Here, Forests There* (Fazendas para nós, Florestas para eles), produzido pela Associação dos Fazendeiros Norte Americanos. Segundo Aldo Rebello o documento se trata de uma orientação protecionista do governo americano para pressionar a produção agrícola brasileira com uma espécie de tributo ambiental criando uma legislação para gerar um custo para a agricultura brasileira²³. Em off, o narrador do filme diz que:

a estratégia (dos EUA) é o financiamento de ONGs e organizações que pressionam o governo e a mídia pela aprovação de leis que impeçam o aumento da produção brasileira. A proposição do estudo (*Farms Here, Forests There*) é clara: aumentar a proteção a nossas florestas significa prejudicar a produção do Brasil e consequentemente beneficiar a americana²⁴.

A partir dessa lógica o filme tenta explicar que o que incomoda os produtores americanos e europeus é que o Brasil tem uma agricultura muito competitiva que derruba o lucro desses países nos mercados internacionais com preços mais competitivos. Esse discurso que acusa os governos internacionais de utilizarem os incêndios na Amazônia como uma cortina de fumaça para o protecionismo não deixa de ser um posicionamento estratégico do roteiro do filme para atrair a atenção e apoio dos liberais pró-mercado à discussão.

O documentário termina com uma mensagem tendenciosa que tenta posicionar o agronegócio como motor de desenvolvimento da economia brasileira “que alimenta o povo e garante a paz”,

²² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884> Acessado em 25/07/2021, às 14h15. Acessado em 23/06/2022

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw&t=1242s> em 1h29'17". Acessado 23/06/2022

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw&t=1242s> em 1h30'25". Acessado 23/06/2022

como se o agronegócio fosse capaz de solucionar problemas estruturais do país como a desigualdade, pobreza e violência. A produção da Brasil Paralelo é um produto panfletário que atende aos interesses do agronegócio e ignora estudos científicos e dados oficiais da realidade que contradizem sua versão. Talvez por isso também tenha sido ignorado pela imprensa especializada em analisar produções cinematográficas, tendo sua campanha de lançamento na mídia restrita aos canais oficiais da produtora e a sites bolsonaristas e/ou que trabalham em função do agronegócio.

Considerações finais

O alto volume da audiência desses conteúdos na página da Brasil Paralelo no Youtube comprovam a relevância dessas narrativas na construção do imaginário da nova direita brasileira. Um mês após o lançamento, “Cortina de Fumaça” já possuía mais de 1,5 milhões de visualizações. Barthes (1989) mostra que os mitos contemporâneos são fabricados pelos meios de comunicação de massa.

Produções como “Cortina de Fumaça” têm um grande papel na guerra de narrativas que perpassa o Brasil contemporâneo, por adotarem ferramentas como vídeos no Youtube, com grande difusão nas redes sociais. Tais produtos e ferramentas possuem uma forte influência, com capacidade de moldar/deformar os rumos da história do país, contribuindo para radicalizar sentimentos de ódio de classe, aversão às minorias, aos movimentos sociais, sindicatos, perseguições de professores e à liberdade acadêmica. Esse tipo de conteúdo molda o imaginário das pessoas que o consomem, não só em relação ao presente, mas também ao passado, e dirige suas ações no futuro.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **O mito, hoje. In: Mitologias.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p 142- 148.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Colonialidade do poder e a violência contra os povos indígenas.** Revista PerCursos. Florianópolis, v. 16, n.32, p. 103 –120,set./dez. 2015 FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Edições Loyola; 24a edição, 1996.

HARAWAY, Donna (2016). **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*. Ano 3, n.5, abril de 2016, pp. 139-146. Disponível online:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf.

KALIL, Isabela et al. 2018. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. [Relatório] Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, outubro de 2018. Disponível em : [https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESP SP .pdf](https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESP%20SP.pdf)

MOMBAÇA, Jota. **A plantação cognitiva**. São Paulo: MASP, 2020. Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas. Buala. Disponível online: <https://www.buala.org/pt/corpo/veio-o-tempo-em-que-por-todos-os-lados-as-luzes-desta-epoca-foram-acendidas>. Acesso em 19/01/21.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.

RUDNITZKI, Ethel; SCOFIELD, Laura; OLIVEIRA, Rafael. **A boiada invade a tela**. Agência Pública. 29 jul. 2021. Disponível em: https://apublica.org/2021/07/a-boiada-invade-a-tela/?goal=0_069298921c-86b9a0b287-288596117&mc_cid=86b9a0b287&mc_eid=41708a7f93

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. 1a ed. b. São Paulo: Martins Fontes, 1992